

O USO DOS *STUDIA HUMANITATIS* NO PENSAMENTO DE GIAMBATTISTA VICO

THE USE OF STUDIA HUMANITATIS IN THE GIAMBATTISTA VICO'S THOUGHT

Eduardo Leite Neto¹

Resumo: O objetivo deste artigo é fomentar o debate acerca da relação entre o pensamento do filósofo napolitano Giambattista Vico (1668–1744) e as disciplinas da chamada *Studia humanitatis*. A partir das reflexões sobre a natureza humana, sobretudo na sua maior obra, a *Scienza Nuova*, é possível identificar uma grande articulação com as grandes disciplinas das humanidades, como o Direito, Filologia, História, Literatura, Poesia e Retórica. Este empenho multidisciplinar conduziu o filósofo a configurar um compêndio de discussões que vão desde a questão acerca da origem da poesia, passando pela crítica ao direito natural e refletindo sobre as origens das línguas e das letras. Haja visto que o contexto no qual Vico estava inserido situava-se numa Nápoles de clara efervescência da filosofia cartesiana, não seria de se estranhar que a busca por uma valorização destes saberes humanísticos percorreria as reflexões do filósofo italiano. Portanto, é nesta articulação entre estas disciplinas das humanidades que a latência da filosofia de Vico é atestada, e com isso, se tem os mecanismos para compreender os fatos envolvidos na trajetória daquilo que o filósofo chama de gênero humano.

Palavras-chave: Filosofia Moderna. Giambattista Vico. Humanidades. Multidisciplinar.

Abstract: The purpose of this article is to foment the debate about the relationship between the napolitan philosopher Giambattista Vico (1668–1744) and the humanistics knowledges, namely *Studia humanitatis*. From his reflections about the human nature, especially on his greatest work, the *Scienza Nuova*, it is possible identified an ample articulation with great humanities disciplines as Jurisprudence, History, Literature, Philology, Poetry and Rethoric. This effort multidisciplinary led the philosopher to configure a compendium of discusses going from the question about the origin of poetry, passing through critics to natural law and reflecting about the origins of languages and letters. It is evident that the context in which Vico was inserted is located in a Naples from clear effervescence of cartesian Philosophy, it wouldn't be strange that the search of a valoration this humanistics knowledges go through the italian philosopher reflections. Therefore, it's on this articulation between those disciplines from humanities that the latency philosophy of Vico is attested, and with this, has the mechanisms to comprehend the facts involved on trajetory from that the philosopher called human gender.

Keywords: Modern Philosophy. Giambattista Vico. Humanities. Multidisciplinary.

Introdução

É certo que o pensamento de Giambattista Vico possui uma carga pujante nos estudos sobre a natureza humana e sua relação com o real. Do interesse pela formação da

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: eduardoneto886@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0732-7682>.

mentalidade dos homens à concretização do gênero humano como artífice de sua história passando pelo desenvolvimento da linguagem sendo esta par indissociável de sua consciência, proporcionou ao filósofo percorrer dentre os anos de rigorosos e tortuosos estudos² a flutuação nos mais diversos saberes da chamada *Studia humanitatis*.

A grandeza de Vico está alicerçada em seu talento de filósofo e literato (atualmente se diz escritor), tendo conseguido unir em sua obra a genialidade da literatura com a fecundidade da filosofia, fazendo com que *forma e conteúdo* viessem unidos sob a mesma magnitude³. Em sua investigação sobre a natureza humana, Vico se serviu de um recurso usado séculos depois pela filosofia contemporânea francesa: a consistência dos estudos da mente humana valendo-se de obras literárias. Destarte, podemos encontrar na sua *Nova arte crítica*⁴ descrita em sua "Ideia da obra", a especificidade de tomar a narrativa da memória como material para a investigação da natureza humana⁵. Seu intento obteve êxito e deixou no Livro Terceiro da *Sn44* o resultado de sua pesquisa sobre os tempos fabulosos da Grécia a partir da leitura de Homero⁶.

É ponto pacífico que a relação existente entre o filósofo napolitano e a literatura constituem uma das pilastras que sustentam seu pensamento. Por outro lado, o manuseamento de outros saberes como a filologia, história e retórica fomentaram ao trabalho de Vico em acessar aos momentos e registros linguísticos dos feitos do gênero humano. Sua interação com esses saberes possui uma progressão especulativa que podemos identificar desde as suas *Orazioni Inaugurali*, passando por sua *De antiquissima Italorum Sapientia* e caminhando ao *De uno* e as suas edições da *Scienza Nuova*. Apesar de algumas tendências em estipular momentos da filosofia de Vico em que há uma distinção de objetivos entre um período e outro, como se observa no escrito de Croce⁷, que impera uma leitura neoidealista do pensamento de Vico e o coloca em dois momentos gnosiológicos, a saber: o período anticartesiano compreendido entre 1708 – 1712 e a

² Cf. *Vita*, 1959; VICO, 2017.

³ Cf. GUIDO; 2012.

⁴ Cf. *Sn44*, §7.

⁵ Cf. *Sn44*, §331.

⁶ Homero juntamente com suas produções poéticas são descritas por Vico desde a sua primeira edição da *Sn* em 1725, como "dois tesouros da gentilidade". A importância do poeta grego é latente na obra magna do filósofo. Entretanto, as dinâmicas entre as relações de filosofia e literatura no pensamento de Vico decorrem desde os inícios de sua produção intelectual. Seja nos poemas compostos ao longo da vida, afinal, o filósofo produziu 121 poemas ao arco de quarenta anos (1693-1743) em italiano e latim (cf. PECORARO; 2012), seja nas suas orações inaugurais (em destaque a terceira oração), as descrições sobre os grandes feitos de poetas como Dante e Virgílio na explicação sobre a retidão no mundo das letras, demonstram a força relacional em conectar filosofia e literatura à uma reflexão civil, histórica e intelectual. Assim como o faz com o personagem Godofredo, de Torquato Tasso na *Scienza Nuova*.

⁷ Cf. CROCE; 1922.

década que sucede a esta entendida como jurisfilosófico. Neste período, a partir das leituras de Grócio, Puffendorf e Selden, Vico inicia seus estudos sobre o direito natural dando origem ao *Diritto Universale* em 1720. Seguindo com adição do *De constantia* em 1722, com os estudos detalhados sobre a filologia e seu desejo de aplica-la como método científico, sua *Nova Scientia Tentatur*. Por fim, a construção de sua *Scienza Nuova* em 1725 seguindo suas edições posteriores até 1744.

Todavia, como argumenta Battistini e Trabant⁸, o trabalho de Vico não poderia estar dividido como se houvesse uma "quebra", uma virada de consciência em relação às suas investigações havendo desassociação de um momento do outro. Todos os recursos usados por Vico reverberaram nas obras que se seguiram ao fim de um trabalho terminado, assim como algumas reflexões, em maior ou menor grau. Um exemplo é a *poesia* que no capítulo VIII do *De ratione*, Vico a estabelece como um recurso educativo que auxilia os homens "incitando as virtudes e apartando dos vícios"⁹. Enquanto na *Sn44*¹⁰ o filósofo napolitano elabora uma *sabedoria poética*, um estágio próprio da mente humana compreendida nos dois estágios iniciais da vida em sociedade, os tempos obscuros e os tempos fabulosos. Dois momentos do gênero humano que abriram o horizonte social, que gradativamente possibilitaram a superação do isolamento ferino que impedia o estabelecimento de qualquer laço social.

Nosso trabalho se justifica, portanto, enquanto a relação existente entre o pensamento de Vico e as obras literárias, bem como os demais *tópos* dos saberes humanísticos. Estes conteúdos são um fio condutor que nos permitirá percorrer as várias reflexões trabalhadas pelo filósofo estabelecendo um diálogo com o cenário literário e retórico à formação das indagações do pensador napolitano. Suscitando o debate sobre a originalidade e relevância com que Vico estabelece sua sabedoria poética na busca pela mentalidade dos primeiros povos do gênero humano, usando das faculdades do engenho, fantasia e memória, que possibilitaram o conhecer enquanto identidade subjetiva e o reconhecer enquanto realidade coletiva, ou seja, partindo da ontogênese à filogênese da natureza humana.

⁸ Cf. BATTISTINI, 1995; TRABANT, 2007.

⁹ *De ratione*, p. 418-419.

¹⁰ Cf. *Sn44*, § 375.

Quadro retórico-filosófico

Há uma forte relação entre Vico e o cenário intelectual e reflexivo da Nápoles do século XVII e a primeira metade do século XVIII¹¹. Este nexos precisamos dizer, dito do nosso ponto de vista contemporâneo pode parecer uma obviedade, entretanto, é preciso salientar alguns pontos que dão relevância a essa importante relação. Benedetto Croce, importante filósofo que contribuiu para a difusão (ou "reavivamento") da filosofia de Vico na Itália e no resto da Europa nas primeiras décadas do século XX¹², impulsionou a partir de seus estudos grandes questões aos temas presentes no pensamento de Vico.

Sua obra *La filosofia di G. B. Vico* de 1911, expõe as várias tratativas do pensamento do filósofo napolitano em consonância às suas nuances interpretativas. O que chama bastante atenção na interpretação crociana da filosofia de Vico, é uma insistência categórica em adjetivar o exercício reflexivo do pensador moderno como uma ação de um gênio fora de seu tempo. Um "autodidata" que produziu um pensamento inigualável numa cidade cujo debate filosófico não era atuante dentre os grandes palcos de produção intelectual europeu.

Segundo (BATTISTINI; 1995), a forma como Croce adjetiva o exercício de Vico como sendo uma prática isolada de produção filosófica, cujo panorama estaria circunscrito apenas a sua solidão e pensamento, seria uma roupagem de sua visão idealista¹³. Este apontar um Vico como pensador desconexo ao seu período histórico-reflexivo fora uma ação para dar máximo relevo a sua genialidade e projetar seu pensamento sobre o século XIX, chegando a colocá-lo como "século XIX em germe". Desse modo, Croce insiste em depreciar a intelectualidade da cidade de Nápoles da primeira metade do século XVIII. Portanto, essa interpretação foi difundida como um lugar comum deste Vico solitário sendo uma espécie de "flor no deserto".

É certo que nos tempos de Vico, Nápoles representava uma cidade que ideal ou geograficamente, se encontrava aos confins entre a civilização mediterrânea e a civilização europeia, tendo seus cidadãos orgulho por pertencerem a essas duas tradições culturais. Além disso, era ainda uma das poucas cidades por possuir o respiro e a mentalidade de uma verdadeira capital. Por outro lado, à época de Croce nem todos

¹¹ Cf. BATTISTINI, 1995; BENISCELLI, 2014.

¹² Fausto Nicolini também possui grande mérito na divulgação do pensamento de Vico, sobretudo por sua infatigável ação editorial que contribuiu às primeiras edições críticas das obras de Vico entre 1914 e 1941 em parceria com Croce. (Cf. DONZELLI; 2019).

¹³ Cf. também BADALONI; 1984.

compartilhavam de sua visão idealista em relação a Vico. Exemplo desta visão ante o pensamento de Croce, se situa na polêmica dos anos de 1911 e 1912 que o intelectual Giuseppe Antonio Borgese, publica no ano seguinte à publicação da *Filosofia di G.B. Vico*, a obra *Vico e il suo tempo*, onde polemiza com a visão de Croce em relação ao nexó histórico-reflexivo e o pensamento de Vico. Nesta obra, coloca algumas questões sobre as influências que tiveram protagonismo na filosofia viquiana em detrimento à adjectivação de Croce a Vico como sendo um filósofo "isolado de seu tempo" do ponto de vista da genialidade e produção filosófica¹⁴.

Assim, a influência exercida por Croce nos estudos viquianos por muito tempo bloquearam as "escavações" sobre a cultura napolitana da primeira metade do século XVIII, quadro esse que têm sido revertido por meio de várias pesquisas dentro e fora da Itália¹⁵. Toda obra de Vico resulta não de uma frutífera genialidade de viés romântico centrada num isolamento e inspiração, mas de uma busca por respostas aos sobressalentes problemas culturais debatidos em Nápoles.

Neste período estavam em discussão a todo vapor a contrarreforma e a tradição humanística, juntamente iniciadas à crise de razão de Estado. É certo que uma transferência a novos paradigmas não fosse apreendida de forma pacífica, devido a persistência que os velhos valores não resignaram a entregar seu "protagonismo", o que refletia em uma disputa acirrada por uma posição de discurso. Esta disputa seguida por dois lados, remetendo a um perfil "maniquéu" de posições entre antigos e modernos, por vezes atestava um retorno da *Querelle des anciens et des modernes*. Na realidade estavam expostos ali um confronto entre as autoridades do passado e a busca da consciência nacional, os dogmas radicais da religião e os direitos da razão, a conservação do Estado feudal e as reformas civis, as tentativas de manter os homens como súditos e as tentativas de emancipação à condição inédita de cidadãos. Por outro lado, também era exposto os desejos intelectuais que se confrontavam nessa esteira de debate, como a cultura entendida como uma transmissão de um saber já dado e a ciência conquistada pouco a pouco com uma crítica pessoal, a literatura esquematizada nas formas "testadas" a partir dos clássicos e a vocação experimental a ensaiar linguagens mais adequadas a cada

¹⁴ Algumas perguntas como "Per quali tramiti si riconnetteva egli [Vico] a Giordano Bruno, a Campanella, alla filosofia autoctona dell'Italia meridionale? Per quale miracolo surge quel pensiero in una società senza fierezza di ribellione e senza dignità nazionale?" (BATTISTINI apud BORGESSE; 1995), colocavam Borgese como uma espécie de antípoda de Croce, que na sua monografia de 1911, e no seu apêndice bibliográfico sobre Vico, atestava uma disjunção entre a filosofia de Vico e o contingente cultural da Nápoles de seu tempo.

¹⁵ Cf. BADALONI, 1984; BATTISTINI, 1995.

período histórico. Por fim, a persistência em exaltar os ideais heroicos da nobreza, sendo estes exprimíveis ao modelo dos épicos poéticos e a busca afirmativa de uma burguesia sensível a uma cultura propagadora da "felicidade do gênero humano"¹⁶.

Os defensores dos antigos professavam a preferência pela retórica, as "ciências do espírito", ao discurso argumentativo, trazendo seus conteúdos do grande mercado da *tópica* e dos seus sedimentos no tempo conservados pela memória histórica. Enquanto aqueles que compartilhavam da modernidade juntavam a lógica e as "ciências da natureza", buscando verdades desconhecidas e não recorrendo a *tópica* como lugar comum à sua busca, mas sim a um "método", isto é, um caminho capaz de proporcionar "uma via nunca antes percorrida" (BATTISTINI; 1995)¹⁷.

O interesse de Vico pela retórica e as confluências que surgem a partir de seu estudo, tomam conta do repertório viquiano ao elaborar suas *Orazioni Inaugurali*, sobretudo no *De ratione*, e nas suas *Institutiones Oratorie*. É nítido em suas abordagens o bem conhecer do debate entre antigos e modernos e a condução de seus argumentos. Tal como vemos na oração de 1709 a tentativa do filósofo por equilibrar os conhecimentos do passado e do presente dando relevância aos seus avanços e métodos sem negligenciar a ambos¹⁸.

O desejo de Vico não era se contrapor entre a *tópica* e a crítica, seu desejo era o estudo das possibilidades de ambos os saberes, dos limites da consciência humana intransponíveis tanto nas disciplinas físico-matemáticas quanto nas disciplinas jurídicas. Em suma, a intenção do filósofo napolitano não esteve aliada a um anticientificismo ou anticartesianismo, que equivocadamente ou erroneamente se fez entender pela influência

¹⁶ "Il partito degli antichi, sommando ideali eterogenei, attribuiva all'età classica ogni perfezione, con un conseguente appello al principio di autorità, ai valori della tradizione, al rispetto dei generi letterari contro l'anarchia del romanzo, all'ausilio della memoria del passato e al sapere trasmesso dai libri, a una scrittura che, ubbidiente al decoro e all'armonia, non venisse mai meno ai canoni edonistici del bello. I fautori della modernità, vice-versa, credevano nel progresso e, quindi, nella superiorità di tutto ciò che viene dopo, invocando la libertà di dissentire anche con una revisione risoluta dei metodi del passato, una volta che a contare non erano più il prestigio delle citazioni ma l'esperienza e la ragione, i cui responsi dovevano essere tradotti in forme chiare e distinte, senza orpelli perché al servizio del vero." (BATTISTINI; 1995, p. 18).

¹⁷ Neste panorama histórico de um debate metodológico entre essas duas vias, antigos e modernos ou também conhecida em Nápoles como "inovatori" e "conservatori", tiveram seletos grupos intelectuais que se dedicavam em debater os temas da querela. Dentre eles temos a *Accademia degli Investiganti*, fundada por Tommaso Cornelio (1614-1684), Francesco d'Andrea (1625-1698), Leonardo di Capua (1617-1695) e Giuseppe Valletta, responsáveis pela difusão do cartesianismo em Nápoles. Também se consolidou aos tempos de Vico a *Accademia dell'Arcadia*, fundada por Gianvincenzo Gravina (1664-1718) e frequentada por seu primo Gregório Caloprese (1654-1715), a quem Vico alcunha como o "grande filósofo renatista", devido aos seus proeminentes estudos sobre Descartes. Por fim, temos a *Accademia dei Medinaceli*, que após a passagem da primeira geração dos investigadores, se consolida como a grande academia racionalística de Nápoles. (Cf. GARIN, 1966; BATTISTINI, 1995; BENISCELLI, 2014; DONZELLI, 2019).

¹⁸ Cf. *De ratione*; p. 405.

de Croce. Vico reconhecia com otimismo o progresso das ciências, e vemos esse entusiasmo no seu discurso de 1732, o *De mente heroica*. Com uma exortação aos saberes da tópica e crítica, demonstra que o heroísmo na idade da razão estaria compelido às novas criações científicas e sobretudo ao bem-estar do gênero humano¹⁹.

As posições firmes do filósofo napolitano ao refletir sobre as características científicas tendo em vista a influência cartesiana, estariam caracterizadas como uma atenciosa visão aos processos racionalizantes a partir de uma verdade primeira que negligenciava aquelas segundas verdades, ou seja, os conhecimentos sobre as etimologias, história, poesia e retórica (*De ratione*; p. 407 - 408). A importância da tópica neste caso, possui relevo concernente tanto ao gramático quanto ao físico ou matemático, que na busca por afirmações ou argumentos a hipóteses, precisam percorrer aos lugares do discurso para consolidarem seus pensamentos. Portanto, a tópica traz uma complementação aos indultos argumentativos fazendo com que faculdades da mente humana (engenho, fantasia e memória) vêm unidas ao *logos* na produção seja de inventos científicos ou pensamentos filosóficos²⁰.

Neste processo, a retórica como elemento pujante da tópica, dá os meios necessários para a realização de um discurso persuasivo. Todavia, para (BATTISTINI; 2018, 1995), a retórica no pensamento de Vico possui um nexos para além de um recurso discursivo ou literário. Sua perspectiva parte do pressuposto de um papel gnosiológico entre a retórica e a formação da mentalidade dos primeiros povos, embasada a partir da definição de retórica por Vico no *De ratione*, e identificada nos acenos dos primitivos descritos pelo filósofo napolitano na *Sn44*²¹. Este papel gnosiológico toma forma a partir da interação dos primitivos com a natureza, pois sem se darem conta, captaram seus primeiros conhecimentos a partir das metáforas, metonímias e sinédoques²². Destarte, partindo os povos primitivos destas ações em que enxergavam o céu como um "vasto corpo animado", tomavam o efeito (o trovão e o raio) pela causa (a voz de Júpiter) e partindo de um indivíduo (Hércules) para espécie (todos aqueles que trabalham para

¹⁹ Cf. *De mente*; p. 465-466 e 469.

²⁰ Segundo Manuela Sanna, a tópica não é apenas uma exploração do plano do presente, ou seja, da construção dos processos argumentativos e criacionais advindos do engenho e da integração das outras faculdades cognitivas (memória e fantasia). Há na tópica um nexos histórico que proporciona ao primado epistemológico de Vico, o *verum-factum*, uma reflexão sobre o método inventivo, pois é o homem enquanto dotado de engenho que faz a verdade. Nos seus dizeres "La topica esprime così la forza che dirige l'evoluzione umana dalla preistoria alla civiltà, dato che i *topoi* rappresentano quel che ci ha condotto ad essere quel ci siamo: con la Topica l'uomo trascende se stesso e fa emergere la coscienza di sé, perché l'*inventio* produce una vera e propria mutazione della coscienza di sé". (SANNA; 2017, p. 102).

²¹ Cf. GRASSI; 1992.

²² Cf. *Sn44*, §404, §405 e §406; TRABANT, 2007.

cultivar a terra), demonstram uma relação pulsante entre sensação, linguagem e razão no caminhar do seu desenvolvimento. Portanto, sem um poder abstrato e universalizador, a retórica com suas figuras expressivas subministraram aos primeiros povos serem as analogias necessárias para passarem do particular para o geral (BATTISTINI; 2018, p. 34).

A relação entre literatura e poesia

Na busca por compreensão da mentalidade primitiva, cabe aqui um exercício hermenêutico cujo elemento retórico nos é de grande ajuda para o entendimento dos primitivos. Devido à natureza polissêmica e conotativa do mito e da poesia, o exercício retórico vem para atestar um método alegórico que nos faz compreender que os tropos e figuras, são formas que sempre "estão no lugar" de outra coisa²³. Neste sentido, a interpretação de Vico visa buscar os princípios do gênero humano "dentro das modificações da nossa própria mente" (*Sn44*, §331).

O longo livro II da *Scienza Nuova* dedicado a *sabedoria poética*, traz luz a um exame taxonômico da retórica focado numa "enciclopédia do saber" na etapa histórica da idade dos deuses e dos heróis. Isto significa um atestar os vários momentos em que se ocuparam do *saber* nas etapas históricas do gênero humano, diferentemente do campo de aplicação da *lógica* que se ocupavam das questões relativas à verdade. Ora, a retórica, no entanto, trata do verossímil e do provável, do pensar e do sentir. Assim como é descrita no *De ratione* como sendo um "meio que trata de todas as coisas que exalam aos homens", a retórica une conhecimento, sensação e percepção, mantendo esta relação também na *sabedoria poética*²⁴.

Desse modo, por unir conhecimento, sensação e percepção, a retórica possui uma perspectiva multidisciplinar por percorrer os meios da argumentação, e com isso, dá a Vico uma observância do papel da poesia na história humana. É certo que nos tempos cultos e ilustrados, ou seja, na idade da razão, a poesia possui uma metodologia incumbida de uma organização reflexiva (os versos, as voltas), de um ativo uso retórico, e de um código conotativo e alegórico. Entretanto, o interesse do filósofo napolitano é o adentrar à mente primeva dos homens para compreender os processos que levaram a edificação do gênero humano.

²³ Cf. DANESI; 2004.

²⁴ Cf. *Sn44*, §498

Por conseguinte, o filósofo parte da premissa que esses primeiros homens foram "poetas naturais", isto é, instintivamente praticavam a sabedoria poética que era sentida e imaginada devido ao seu débil raciocínio e por sua robustíssima fantasia. Segundo (BOTTURI; 1996), Vico coloca à origem da poesia e do poético um estado de indigência do pensamento humano, de modo que a impotência gnosiológica seria uma expressiva condição da poesia e de uma linguagem poética. O que significa que esta sabedoria a estes primeiros homens fora uma faculdade conatural, por serem dotados de percepções sensitivas e fantásticas²⁵. Por "poesia", Vico entende tal palavra a partir de sua etimologia que na palavra grega *poiesis* significa "criar". Portanto, os primeiros homens foram criadores dos primeiros estamentos civis bem como das primeiras religiões²⁶.

Na construção do seu pensamento à poesia, Vico estabelece uma relação com os grandes nomes do pensamento clássico. Vale notar, como bem coloca (PATELLA; 2005), não poderíamos dizer que esta relação com os clássicos tratasse de uma relação fechada, de um confronto a distância, de exclusão prejudicial e até mesmo de uma refutação. O certo seria colocarmos a relação de Vico com os clássicos talvez como uma retomada consciente dos temas abordados. Entretanto, sempre com um objetivo de reelaboração teórica autônoma, pessoal, que ao mesmo tempo parte de ideias e noções tradicionais transfigurando-as em algo de inédito e original.

O filósofo napolitano estabelece um fixo trabalho sobre os materiais antigos, indo nos grandes nomes da tradição poética e retórica na sua busca por nova visão da poesia e do poético. Autores como Aristóteles, Horácio, Cícero, Quintiliano e Pseudo-Longino²⁷, contribuíram demasiadamente para a construção dos argumentos que envolve sua concepção de poesia e poético, e também dos caminhos argumentativos-persuasivos em suas hipóteses.

Sempre válido salientar que Vico mantinha um colóquio com os intérpretes modernos destas tradições, como Francesco Patrizi (1529-1597) um platonista que visava a poesia em tons idealísticos, Giulio Cesare Scaligero (1484-1558) que exercitava um estudo poético por vias morais e na esteira da contrarreforma. Por fim, Ludovico Castelvetro (1505-1571) que professava um tom aristotélico e intelectualista à poesia, de modo que enxergava nela um recurso educador e apaziguador dos ânimos humanos²⁸.

²⁵ Cf. *Sn44*, §375.

²⁶ Cf. SAMMER; 2018, p. 187.

²⁷ Cf. PONS; 2004.

²⁸ Cf. PATELLA; 2005, p. 32-33.

Neste colóquio também podemos acrescentar dois nomes próximos que Vico toma por fonte em sua reflexão histórica e poética, são eles, Gianvicenzo Gravina (1664-1718) e seu primo Gregorio Caloprese (1654-1715). Grosso modo, as posições de Gravina e Caloprese estavam fundadas sobre bases cartesianas, o que colocavam suas percepções sobre a antiguidade e a poesia um racionalismo que partia sempre do presente para investigar o passado. O que Vico faz o contrário, evidentemente, por buscar fazer ressurgir no presente os traços de uma antiguidade bárbara e toda imersa nos sentidos²⁹.

Em um outro texto, (PATELLA; 2016) nos demonstra que essas relações de Vico com as várias obras clássicas e modernas, sejam elas nas disciplinas históricas, jurídicas e poéticas, bem como nas correntes filosóficas, estão intimamente ligadas a uma "articulação especulativa". Segundo Patella, o pensamento do filósofo napolitano compreende sobretudo a uma especulação sobre a genealogia do gênero humano, onde percorre as várias etapas que condicionaram aos seres humanos uma construção gnosiológica de si, ou seja, da consciência humana. Esta "articulação" é compreendida pelos vários lugares do saber que Vico caminha para firmar seus argumentos, ou seja, os textos literários, instituições históricas, modelos retóricos e fenômenos de costumes. Tal conceito fora bem utilizado pelo movimento dos *Cultural Studies*, fundado pelos intelectuais Richard Hoggart, Raymond Willians e Edward Thompsom, em Birmingham, nos anos 60 do século XX³⁰. Desse modo, o conceito de articulação representa a metáfora do modo de operar dos estudos culturais, visando uma variabilidade de métodos (ou fontes) dos diversos planos culturais.

Considerações finais

Longe de querermos colocar Vico como antecipador ou predecessor de várias disciplinas contemporâneas como bem aconselha (ROSSI; 1992 e GUIDO; 2012), o pensamento do filósofo napolitano poderia estar avalizado como um "ancestral" a vários temas debatidos no século XX. Assim, (PATELLA; 2016) enxerga no conceito de articulação um comparativo ao movimento do engenho, proposto por Vico. Aproxima estes dois conceitos baseado no panorama barroco das criações/invenções do qual Vico

²⁹ Cf. BATTISTINI, 1995; BENISCELLI, 2014.

³⁰ Cf. HOGGART, 1957; WILLIAMAS, 1958; THOMPSON, 1978; HALL, 1992.

retira suas reflexões, principalmente no *De antiquissima*³¹, mas também reverberando na *Scienza Nuova*³².

Por conseguinte, concentra as obras de Vico como voltadas a uma metodologia do engenho e, com isso, dando vida a um método que o professor romano chama de *tópico-genealógico*, assentado numa lógica transcultural e transdisciplinar (por vezes concebida também por multicultural e multidisciplinar), de natureza inclusiva e pluralista encontrada no conceito de "articulação" inerente aos estudos culturais. Outrossim, Patella também acrescenta à sua interpretação, que o pensamento viquiano caracterizado por essa "articulação especulativa" esteja em contínua ligação ou entrelaçamento, de planos significativos e de componentes filosóficos diversificados, por uma infatigável reelaboração pessoal de material e de fontes heterogêneas³³.

Como diria (BOSSI; 1977), a filosofia compartilha de uma metodologia da cultura como trabalho humano, e fora dessa conexão, o pensamento se torna abstrato. Portanto, Patella compreende o método viquiano como uma aportação de diversas conexões metodológicas e disciplinares cuja abertura estaria ligada às razões do provável, do verossímil, do "senso comum" e da poesia. Por fim, tendo suas explicações através de correlações, aproximações, complementariedades e adjacências nos vários campos do conhecimento. Tudo isso amarrados pelos infinitos recursos do engenho, elevado ao critério unificador do conhecer. Assim, o trabalho do filósofo napolitano visa uma reflexão pormenorizada acerca da natureza humana, e se consolida como um trabalho humanístico quando se segue argumentos retóricos e multidisciplinares, traçando, portanto, uma filosofia da práxis humana.

Referências

Obras de Vico

VICO, G. *Princípio de uma ciência nova: Acerca da natureza comum das nações*; Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Editora Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa, 2005.

VICO, G. *Del Método de Estudios de Nuestro Tiempo*; Tradução do latim por Francisco J. Navarro Gomez. Cuadernos sobre Vico vol. 9-10; Sevilha, 1998.

VICO, G. *De antiquissima italarum sapientia*. In: *Quaderni di Logos – Con gli Articoli del ‘Giornale de Letterati d’Italia’ e le ‘Risposte del Vico’*; a cura e con

³¹ Cf. *De ant.*, Cap. VII.

³² Cf. *Sn44*, §498.

³³ Cf. PATELLA; 2016, p. 77.

introduzione di Fabrizio Lomonaco; postfazione di Claudia Megale; Diogene Edizione; Napoli, 2013.

VICO, G. *El Derecho Universal*. In: *Obras III*; Traducion del latín y notas de Francisco J. Navarro Gomez – Rubi (Barcelona): Anthropos Editorial: México: Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, 2009.

VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo (1725-28)*. In: *Opere* – a cura di Paolo Rossi; Classici Rizzoli; Milano, 1959.

VICO, G. *Sobre la mente heroica*. Tradução do latim por Francisco J. Navarro Gomez. Cuadernos sobre Vico vol. 7-8. Sevilla; 1997.

VICO, G. Aditamento feito por Vico à sua autobiografia (1731). In: *Vida escrita por si mesmo*. Tradução, introdução e notas por Ana Cláudia Santos. Editora Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2017.

Outras obras

BADALONI, N. *Introduzione a Vico*. Napoli: Laterza, 1984.

BATTISTINI, A. *La sapienza retorica di Giambattista Vico*. Milano: Guerini e Associati Edizioni, 1995.

BATTISTINI, A. De la Retorica a la Antropologia. In: *Cuadernos sobre Vico – Vol.32*; Edición especial de 350º Aniversario de Giambattista Vico (1668-2018). Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, p. 33-40, 2018.

BENISCELLI, A. Il Settecento. In: *Letteratura italiana vol. 2 – Dal Settecento ai nostri giorni*. A cura di Andrea Battistini. Bologna: Il Mulino editrice, p. 17-169, 2014.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BOTTURI, F. *Tempo Linguaggio e Azione: Le strutture vichiane della "storia ideale eterna"*. Napoli: Alfredo Guida Editore, 1996.

CROCE, B. *La filosofia di Giambattista Vico*. Seconda edizione revisata; Bari: Laterza, 1922.

DANESI, M. *Mito, pensamiento y lenguaje* (una perspectiva viquiana de teorización sobre la metáfora como elemento de interconexión). Sevilla: Centro de investigaciones sobre Vico, 2004.

DONZELLI, M. *L'età dei barbari – Vico e il nostro tempo*. Roma: Donzelli Editore, 2019.

GARIN, E. *Storia della filosofia italiana - Vol. 2*. Torino: Giulio Einaudi, 1966.

GRASSI, E. *Vico e l'Umanesimo*. Introduzione all'edizione italiana di Antonio Verri, prefazione di Donald Phillip Verene — Milano: Edizioni Guerini e Associati, 1992.

GUIDO, H. A vênus pudica, a natureza libidinosa. Notas para um confronto entre Vico e Lucrécio. In: *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*.

Uberlândia: EDUFU- Editora da Universidade Federal de Uberlândia, p 99-127, 2012.

HALL, S. Cultural Studies and its Theoretical Legacies. In: L. Grossberg, C. Nelson, P. Treichler, eds., *Cultural Studies*. Londres, Nova York: Routledge, 1992.

HOGGART, R. *The Uses of Literacy*. Londres: Penguin, 1957.

SANNA, M. Ingegno e Memoria in Giambattista Vico. In: *Italian Culture*. Londres: Routledge, p. 101-111, 2017.

PATELLA, G. *Giambattista Vico Tra Barocco e Postmoderno*. Milano: Mimesis Edizioni, 2005.

PATELLA, G. Giambattista Vico, Padre de los estudios culturales. In: *Cuadernos sobre Vico – número 28 e 29*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, p. 73-90, 2015.

- PECORARO, R. Vico poeta. In: *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU- Editora da Universidade Federal de Uberlândia, p. 56-64, 2012.
- PONS, A. Introduzione al *De Nostris Temporibus Studiorum Ratione*. In: *Da Vico a Michelet: Saggi 1968-1995*. Tradotti da Paola Cattani. Edizioni ETS; Pisa, 2004.
- ROSSI, P. *Sinais do tempo. História da Terra e a história das nações de Hooke a Vico*. Tradução de Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- SAMMER, R. *Os caracteres poéticos de Giambattista Vico* – São Paulo: Editora Unifesp, 2018.
- THOMPSON, E. *The Making of the English Working Class*. Londres: Penguin, 1978.
- TRABANT, J. *Cenni e Voci: Saggi di sematologia vichiana*. Arte Tipografica Editrice; Napoli, 2007.
- WILLIAMS, R. *Culture and Society*. Londres: Penguin, 1958.

Recebido em: 13/12/22

Aprovado em: 07/06/23